

DA CULTURA E DA FÉ NO PENSAMENTO DE ARNALDO DE PINHO

Manuel Gama
Departamento de Filosofia
Instituto de Letras e Ciências Humanas
Universidade do Minho

I

Poder-se-á dizer que no pensamento de Arnaldo de Pinho há um círculo temático central: o problema da cultura, a dimensão da fé e a inter-relação entre ambas, ou seja, a expressão da fé na cultura atual. Assuntos esses mais especificamente tratados nas suas obras *Fé/Cultura. Alguns desafios* (1988) e *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização* (1991).

A par disso, não pode olvidar-se a sua ligação ao pensamento e à ação de D. António Ferreira Gomes, a quem dedicou alguns estudos, e sobre o qual revelou poder vir a escrever uma biografia, que anunciou chamar-se *Crónica dum Amor à Verdade*, por analogia com o título de uma obra de uma escritora britânica sobre a biografia do cardeal J. H. Newman¹. Vê em D. António um mestre e um modelo que, nos planos ético e cívico, emparelha com figuras nacionais de igual quilate, como Abel Varzim, D. Sebastião Resende, D. Manuel Vieira Pinto². No perseguido, politicamente, bispo do Porto são realçadas virtudes que, em visão psicanalítica, certamente podemos ver como também fazendo parte do caráter do presente homenageado: atitude ética, verticalidade, fidelidade, homem de paz e pela paz, valorização da liberdade, profundo amor à verdade.

Igualmente deve merecer atenção o seu primeiro estudo de maior fôlego, concretizado na sua tese de doutoramento, publicada em 1987, com o título de *Desmitologização ou Interpretação. O que é a Teologia?* De relevo é também o seu inovador estudo sobre Leonardo Coimbra, intitulado *Leonardo Coimbra. Biografia e Teologia* (1999), onde o nosso professor jubilado enfoca o pensamento do filósofo português sob a perspetiva teológica, tornando pioneiro o seu contributo para o já vasto conjunto de estudos sobre o filósofo da Lixa.

¹ Cf. Arnaldo de Pinho, *O essencial sobre D. António Ferreira Gomes*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2004, p. 58.

² Cf. *Idem*, «Dom António Ferreira Gomes, uma atitude ética perante a sociedade e a Igreja», em *Humanística e Teologia*, Porto, Tomo VII, 2(1986), p. 159.

Dada a impossibilidade, neste pequeno estudo, de tratar de todos os vetores do pensamento de Arnaldo de Pinho, é nossa intenção tecermos algumas considerações sobre aquelas que nos parecem ser as linhas orientadoras da sua reflexão dentro do binómio fé-cultura, expressas nas duas obras acima referidas.

II

Numa visão global do seu pensamento, na vertente referida, podemos realçar três aspetos.

Primeiro, em Arnaldo de Pinho há uma constante preocupação não só com os temas da fé e da cultura, mas sobretudo com a necessidade da sua interpenetração. Por um lado, comungando da afirmação do poeta e ensaísta T. S. Eliot, que refere não haver nenhuma cultura sem religião³. Ou na afirmação constatada do antropólogo alemão W. Schmidt de que «Não existe nenhum povo sem cultura, sem civilização, sem Deus.»⁴ Ideia semelhante é a de Arnaldo de Pinho, que expressa com recorte literário: «A fé vigia a humanidade do homem»⁵. Por outro lado, nota-se o seu cuidado em que as roupagens da fé não fiquem “fora de moda”, mas estejam em constante *aggiornamento*. Sem essa sintonização com os sinais dos tempos, o substancial da crença pode passar despercebido.

Em ambas as obras, inicialmente referidas, nota-se que um dos temas de reflexão se centra na relação entre a cultura e a expressão da fé. Não é só a dimensão da fé e a sua eventual crise, mas sobretudo o modo de a expressar sem ser descontextualizada do espaço e do tempo. A sua preocupação vai mais fundo, desejando que as formas de expressão da fé saibam evoluir de forma a deixarem transparecer o sagrado. E, claro, na definição desse binómio espaço-tempo, isto é, na cultura, o autor toma arrimo, tanto nos grandes pensadores contemporâneos (Horkheimer, Heidegger, Ricoeur, Husserl, Morin, Lévinas, Certeau, Ratzinger, Vattimo, Lyotard, João Paulo II), como no espírito novo trazido pelo Concílio Vaticano II, conjunto onde se pode incluir o filósofo da Universidade de Coimbra Miguel Baptista Pereira.

³ Cf. T. S. Eliot, *Notas para uma definição de cultura*, Editora Século XX, Lisboa, 1996, pp. 16 e 30.

⁴ *Apud* Manuel Antunes, *Indicadores de Civilização*, Verbo, Lisboa, 1972, p. 236.

⁵ Arnaldo de Pinho, *Fé/Cultura – Alguns Desafios –*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1988, p. 122.

Naquele intento, em *Fé/Cultura*, o autor expressa-se em três etapas. Numa primeira, centra-se em várias dimensões em que a fé se expõe. Seguidamente, depois de se focalizar na dimensão antropológica em João Paulo II, indica a resposta da fé para o esclarecimento de alguns problemas éticos, que se colocam com mais acuidade. Por fim, coloca o homem em perspectiva de porvir, quer iluminado pela cultura da fé, quer (des)focado pela cultura da descrença. E, por entre as suas reflexões preocupadas, a instituição eclesial, como um todo, ganha especial enfoque na interrogação de um dos capítulos «Para onde vai a Igreja?»⁶

Em segundo lugar, após leitura atenta na expressão das suas ideias, vemos sobressair alguns valores que, quer pela sua força contextual, quer pela sua repetição, enumeramos: paz, verdade, diálogo de culturas, solidariedade, liberdade, responsabilidade, justiça, esperança, amizade.

Em terceiro lugar, em Arnaldo de Pinho vê-se um pensamento humanista, embebido na preocupação pelo porvir, o que denota a sua atitude de esperança antropológica, longe de qualquer posição próxima da ideia do fim da história, teoria sobressaída no século XIX, por Hegel, e, mais próximo de nós, simbolizada na obra, que marcou época, de Francis Fukuyama, *O Fim da História*. Em *Fé/Cultura* faz convergir mesmo a Parte mais extensa para esta orientação, que intitula de «Cultura da fé e cultura de descrença, perante o futuro do homem». Já em *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização*, além de apontar para “desafios” da cultura, coloca como epílogo dessa obra um pequeno capítulo, que intitulou de «Para uma visão prospetiva».

III

A clareza, que Karl Popper considerava um valor intelectual⁸, é um atributo das ideias de Arnaldo de Pinho. Igualmente a sua escrita é limpa e cristalina, deixando-nos ver, por isso mesmo, a profundidade do seu pensamento.

⁶ *Idem, Ibidem*, pp. 162-167.

⁷ Francis Fukuyama (1992), *O Fim da História e o Último Homem*, 4ª edição, Gradiva, Lisboa, 2011.

⁸ «A clareza é em si mesma um valor intelectual; mas não o são nem a exatidão nem a precisão. A precisão absoluta é inacessível, e é inútil pretender ser mais rigoroso do que o exige a problemática em causa.» - Karl Popper, *Em Busca de um Mundo Melhor*, 3ª edição, Fragmentos, Lisboa, 1992, p. 58.

Vejamos, agora, alguns dos vetores fundamentais do seu pensamento.

Apesar da diversidade, no tempo e no espaço, dos textos recolhidos em *Fé/Cultura*, encontra-se uma preocupação comum: «pôr em diálogo a palavra da fé com a cultura do homem contemporâneo num mundo marcado pelo pluralismo e pela laicidade.»⁹ Esclarecendo, logo de seguida, «que não é necessário ser iconoclasta dos modelos do passado para fazer passar a fé para a vida do homem contemporâneo.» E o âmago da ocupação e preocupação do seu pensamento é novamente realçado e esclarecido: «Os desafios da cultura moderna à fé jogam-se a dois níveis: ao da expressão da fé (a cultura é sempre inculturação) e ao nível do discernimento (a cultura envolve sempre uma ética).»¹⁰

Arnaldo de Pinho evidencia ter a ideia convicta de que a fé deve afastar-se totalmente do recurso aos velhos anátemas (lembre-se o famoso *Syllabus*, do século XIX), pois, se recorrer à via do diálogo, acabará por iluminar a cultura contemporânea, conforme delineamento deixado pelo Concílio Vaticano II. Sem a abertura da fé à cultura não haverá caminho seguro na senda da verdade e da justiça, na almejada demanda de uma cultura de fraternidade e paz.

Naquele sentido, é a própria religião que é objeto de crítica pela fé, aliás, «uma constante da fé bíblica e da história da Teologia e da piedade cristãs.»¹¹, como já entre nós dera conta, na segunda metade de oitocentos, Antero de Quental, na famosa conferência «Causas da decadência dos povos peninsulares» e, em tempos mais próximos, também o teólogo alemão Eugen Drewermann denunciara¹². E também Mircea Eliade, em termos de fenomenologia da religião, já deixara bem esclarecido, ao longo da sua vasta obra, ao fazer a distinção entre o sagrado e o religioso¹³.

Uma cultura da paz não nasce por geração espontânea e, por isso, Arnaldo de Pinho, ao mesmo tempo que nos consciencializa para este valor tão planetário e, infelizmente, não definitivamente alcançado, propõe um «educar para a paz», depois de um diagnóstico perspicaz da cultura hodierna:

⁹ Arnaldo de Pinho, *Fé/Cultura, Op. Cit.*, p. 5. Neste contexto se esclarece que todos os textos «foram selecionados em função do objetivo desta publicação: proporcionar ao leitor um confronto entre a fé e a cultura tal como esta se exprime nestes tempos pós-modernos.» (p. 6)

¹⁰ *Idem, Ibidem*, p. 6.

¹¹ Arnaldo de Pinho, *Fé/Cultura, Op. Cit.*, p. 42.

¹² Eugen Drewermann, *Funcionários de Deus: psicograma de um ideal*, Inquérito, Mem Martins, 1994.

¹³ Veja-se de Mircea Eliade, por exemplo, *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*, Livros do Brasil, Lisboa, s/d.

«A questão da paz já não é hoje um problema entre vizinho e vizinho ou entre senhor e senhor [...]. O problema da violência e da paz impõe-se hoje mais que em qualquer época à consciência dos homens, já que estes têm diariamente diante de si o espetáculo da violência à escala planetária, graças aos meios de comunicação social e sobretudo da televisão. Se à massa das informações pela imagem em que nos é dada somarmos um certo gosto pelo sensacionalismo próprio de certo jornalismo e ainda a manipulação e a propaganda a que estamos sujeitos todos os dias, torna-se evidente que a **educação para a paz** envolve um âmbito muito largo que é hoje praticamente o âmbito da educação cívica.

[...]

Mesmo a ideia de que a paz é obra da justiça, vai perdendo credibilidade, para ser substituída por uma ideia muito mais englobante: a paz é obra da cultura, é possível substituir uma cultura da violência por uma **cultura da paz**.

[...]

Educar para a paz, adquiridos que são quase para todos os homens alguns direitos fundamentais, pelo menos ao nível da consciência, inclui naturalmente a descoberta do meio ou do ambiente da educação, a entrada e a potenciação do mundo da cultura.»¹⁴

Aliás, na firme defesa da cultura da paz, sem esquecer o binómio fé-cultura, Arnaldo de Pinho apresenta a paz como um imperativo ético do Evangelho, atualizado nas palavras de João Paulo II: «A guerra pode ser decidida por um grupo de homens, a paz supõe o empenhamento solidário de todos.»¹⁵ E, nesse sentido, a paz verdadeira não é necessariamente a que é gizada ou imposta por uma qualquer força. Tem de incluir o direito de todos os homens e de todos os povos e estar embebida num sentido de justiça. A cultura é-o no plural, como aduz o historiador e ensaísta francês Michel de Certeau, autor e fonte do agrado de Arnaldo de Pinho¹⁶. A verdade da paz é o valor da paz, logo é uma causa de todos e não apenas de alguns poucos «altifalantes da paz».

Qual o grande entrave para a tão almejada paz? Para o nosso pensador arouquense, ele centra-se na idolatria do poder. Quando este é tido como um, ou mesmo o, fim, rapidamente desemboca na desumanização e na corrupção, contrariando o diálogo solidário e construtivo. Embora, noutro sentido, Michel de Certeau chame a atenção para que, nos tempos presentes, a falta de autoridade traga outro tipo de problemas: «Partilho da convicção daqueles que

¹⁴ Arnaldo de Pinho, *Fé/Cultura, Op. Cit.*, pp. 84-85. Os negritos são nossos.

¹⁵ *Apud Idem, Ibidem*, p. 90.

¹⁶ Cf. Michel de Certeau, *A Cultura no Plural*, 3ª edição, Papirus Editora, São Paulo, 2003.

consideram o descrédito da autoridade um dos problemas essenciais postos por uma atmosfera social que se tornou progressivamente irrespirável. Essa circulação anémica, esse ar viciado, muitos observadores os diagnosticaram na nossa situação. Muitos sabem, igualmente, que não basta falar. [...] Creio que chegará a hora em que opções fundamentais deverão manifestar-se por atos e invocarão as nossas responsabilidades.»¹⁷ Nas religiões, está convicto o nosso autor¹⁸, poder-se-á encontrar uma reserva moral e até cultural, para a prática daquele diálogo verdadeiramente fraterno.

IV

Nos vários temas considerados por Arnaldo de Pinho, realcemos o do contributo do Cristianismo para duas importantes dimensões da vida: um, à escala europeia, o da história e “construção” da Europa; outro, à dimensão global, o da ecologia.

É positivamente significativo que pouco após a entrada de Portugal na então Comunidade Económica Europeia (1986), Arnaldo de Pinho traga à reflexão o tema da “construção” europeia. Não discute a evidência do crescimento de um “corpo” na Europa das comunidades. A sua interrogação centra-se também, e sobretudo, no “espírito” da Europa. Aí se inclui o tema da cultura e a função exercida pelo Cristianismo.

A cultura europeia é marcada pela sua história, nela se vislumbrando um percurso, embora nem sempre pacífico, pautado pelo religioso e pelo humano. Mas, nos últimos tempos, perante a vereda percorrida pela “construção” europeia (e Arnaldo de Pinho ainda sabia a orientação da Carta europeia), em que se quer obnubilar uma das partes do binómio sagrado-profano, pertinentemente Arnaldo de Pinho interroga: «Não será tempo de lembrar a memória da Europa a certos intelectuais (que normalmente para o serem abdicam da memória), aos responsáveis da Igreja, mas sobretudo aos leigos?»¹⁹ Para, logo de seguida, destacar os arcanos alicerces da Europa: «O imaginário europeu, apesar do seu fundo pagão, parte essencialmente do Cristianismo. Foi e é o Cristianismo que dá origem às mais lídimas representações do espírito

¹⁷ *Idem, Ibidem, Op. Cit.*, p. 24.

¹⁸ Arnaldo de Pinho, *Fé/Cultura, Op. Cit.*, p. 92.

¹⁹ *Idem, Ibidem*, p. 88.

européu.»²⁰ Embora, acentua também, ao longo das suas histórias, a do Cristianismo e da Europa, aquele não se tem restringido à religião em sentido estrito. Para além do seu sentido cultural, o Cristianismo sempre foi e pretendeu ser um humanismo, com as suas vertentes ética, doutrinal, social. Na sua doutrina se encontra o esboço do homem a construir no sentido orteguiano, segundo o qual o homem se compõe do que ele tem mais do que lhe falta²¹. Por isso, esquecer o Cristianismo é esquecer a «alma da Europa», na expressão do pensador aroquense.

Ademais, se quisermos restringir o Cristianismo à Europa, quando falamos da sua “construção”, já podemos universalizá-lo na vertente da ecologia. Há quase um quarto de século, Arnaldo de Pinho registou a sua sensibilidade para esta causa, associando-lhe a doutrina e o dever moral cristãos, e expõe o seu pensamento tomando a proclamação de João Paulo II, em finais dos anos oitenta do século precedente: «O amor da terra, o respeito pela mãe-terra não se pode separar do amor de Deus e dos nossos irmãos, os homens [...]. O homem deve aprender a respeitar a vida e a construir assim uma morada digna de toda a família humana. Ter o cuidado da terra é para o cristão uma obrigação moral.»²²

V

No centro das ideias expostas na sua obra *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização* está claramente presente a preocupação pela conformidade entre a “nova” evangelização e a Modernidade. A esse propósito, cita o cardeal Martini, para esclarecer que o conceito de “nova evangelização” não é uma nova cruzada ou uma neo-prática missionária, ao modo do período dos descobrimentos, mas tem sobretudo a ver com um novo contexto, com novas circunstâncias, pelo estar atento às mudanças, e, logo, aos sinais dos tempos. Em síntese, ter em atenção a cultura:

«Não se aperceberam de que esta evangelização é **nova**, não por seus métodos, nem por sua tensão espiritual ou pelas suas características – que são as de sempre -, mas porque é novo o contexto

²⁰ *Idem, Ibidem.*

²¹ José Ortega y Gasset, *Qué es Filosofía?*, 3ª edición, Revista de Occidente, Madrid, 1963, p. 61.

²² *Apud, Fé/Cultura, Op. Cit.,*, p. 98.

histórico e mental. Trata-se, portanto, de conseguir uma nova capacidade evangelizadora num contexto que mudou, no qual devemos cordialmente situar-nos. O que requer, antes de mais, compreensão, captação desta realidade, e esta é propriamente a novidade mais difícil de assumir.”²³

Isto é, tendo em vista a evangelização eficaz, é preciso estudar as condições próprias da época. Sem essa atitude de querer compreender – e atuar em conformidade –, a Igreja Católica, tal como perdera o operariado no século XIX, os jovens nas últimas décadas, arrisca-se agora a perder o mundo das mulheres.

É dentro daquele espírito que se insere este livro. Arnaldo de Pinho faz uma leitura da situação cultural e anota os desafios implícitos. Depois, após uma análise da Igreja em processo, apresenta estratégias que o Cristianismo deve seguir na cultura da Modernidade. Em espírito pós-conciliar, anota como elementos fundamentais desse plano a presença e o testemunho. Finalmente, oferece dados para uma visão prospetiva que, passados mais de vinte anos, mantêm plena atualidade. Aqui, centramos-nos na evidência feita pelo autor a respeito da necessidade do diálogo “esclarecido” entre a Igreja e a cultura da Modernidade.

Estando a viver-se um período de pós-colonialismo e de pós-totalitarismos, nunca as condições foram tão favoráveis ao ecumenismo, mesmo a nível prático. Então, a Igreja, já equidistante dos poderes político-culturais, socorrerá de igual modo a pessoa humana, independentemente da cultura a que pertença. Atitude que Arnaldo de Pinho traduz pela feliz expressão de «policentrismo cultural». Mais que realçar a diferença, deve tender-se para a convergência, sem cair na uniformização. Assim, alvitra, se demandará uma autêntica Renascença, em que o humanismo se expressará ao nível da Humanidade²⁴. É nesse sentido que, por um lado, é defendido o pluralismo e, por outro, apesar de tudo, há necessidade de ir ao encontro do *ethos*.

Arnaldo de Pinho entende que a atitude cristã em face do mundo parece ter sofrido uma passagem da bipolaridade ao pluralismo. Do que, conclui, «a experiência espiritual é (deve ser) o lugar da diferença», em que o aspeto emocional toma uma relevância particular:

²³ Cardeal Martini, *apud* Arnaldo de Pinho, *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1991, p. 7.

²⁴ Cf. Arnaldo de Pinho, *Ibidem*, p. 106.

«Esta bipolaridade assume, na tradição cristã, vários nomes: sagrado/profano, Deus/Mundo, vida religiosa/vida profana, clérigo/leigo, vida privada/vida religiosa, vida na Igreja/vida no século, etc., com algumas curiosas conotações marginais, como os inimigos da alma (mundo, demónio e carne).»²⁵

«O pluralismo realiza uma relativização recíproca de grupos e indivíduos diferentes. Tem nascido duma experiência espiritual duma pessoa ou de um grupo, reflete-se em movimentos, apela a um carisma.

O elemento emocional é bem mais forte aqui. A pertença também. De maneira prospetiva, vai a relação fé/cultura ser mais bem atendida nesta passagem do fim da bipolaridade e no desenvolvimento do pluralismo?»²⁶

Quanto à importância de um *ethos*, Arnaldo de Pinho começa por fazer a sua leitura da situação da nossa época como sendo «marcada pela explosão das liberdades, pela segmentação dos saberes e por aquilo que, abrangendo todos estes fenómenos, se tem chamado secularização.»²⁷ É a partir destas novas circunstâncias, geradas pelo próprio homem, mas que ao mesmo tempo o influenciam, que o nosso autor evoca a constituição *Gaudium et Spes* como declaração dos valores positivos da cultura moderna. No entanto, o homem é um ser em construção na sua humanidade. A cultura é expressão disso. Quando uma qualquer religião toma o homem como um ser fixo, tenderá para uma rutura dialogal pelo facto de ter em atenção mais um homem suposto, idealizado, do que real. Concretamente, em relação ao Cristianismo, Arnaldo de Pinho anota que a sua dinâmica é a inculturação e, como tal, há necessidade de uma mudança de rumo, pois há atitudes subjacentes a determinada mentalidade que se devem «precisamente ao facto de a Modernidade e a Igreja terem fechado os canais de comunicação e, portanto, as relações fé/cultura estarem sob suspeita.»²⁸

Então, há necessidade da procura de um *ethos*, para o qual o Cristianismo deve contribuir e, ao mesmo tempo, deverá ter em conta no seu papel evangelizador. Sobre o contributo do Cristianismo na busca desse *ethos* – bússola orientadora do devir e do porvir –, Arnaldo de Pinho toma as palavras de Horkheimer que, apesar de aduzir um sentido *sui generis*

²⁵ *Idem, Ibidem*, p. 104.

²⁶ *Idem, Ibidem*, p. 105.

²⁷ *Idem, Ibidem*, p. 68.

²⁸ *Idem, Ibidem*, p. 69.

de teologia, aponta-a como necessária para a consciencialização do *ethos*. Diz Horkheimer: «A teologia significa aqui a consciência de que o mundo é um fenómeno, de que não é a verdade absoluta, nem o último. A teologia é – exprimo-me conscientemente com prudência – a esperança de que a injustiça que caracteriza o mundo não pode permanecer assim, que o injusto não pode considerar-se como a última palavra.»²⁹ Isto é, se o pluralismo e a secularização vieram trazer novos aspetos, tal não deve significar atitudes exclusivistas, quer por parte das mentalidades secularistas, quer do âmbito das religiões. Problema que, segundo Arnaldo de Pinho, deve ser evitado por parte dos cristãos, contrariando o que se pode manifestar quer pelo «desprezo da cultura da Modernidade, quer pela atitude de pura identificação com um dos interlocutores, Modernidade ou Cristianismo.»³⁰ Para tal, conclui sabiamente: «Sobre todos estes pontos não é possível um debate sem homens verdadeiramente cultos e amadurecidos que sejam capazes de encontrar em si mesmos as energias dum tal debate.»³¹ Palavras que nos fazem lembrar o inspirador debate, na passagem do século XIX para o século XX, entre o médico, cientista e professor cientista Miguel Bombarda e o detentor de sólidos e atualizados conhecimentos padre Manuel Fernandes Santana. Altercação que o jesuíta soube manter no mesmo patamar, aproveitando tanto o seu vasto saber quanto o dos seus confrades. Só assim se poderá enveredar pelo desejável diálogo e evitar os monólogos geradores de novos *Syllabus*.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Manuel, *Indicadores de Civilização*, Verbo, Lisboa, 1972.
- CERTEAU, Michel de (1993), *A Cultura no Plural*, 3ª edição, Papyrus Editora, São Paulo, 2003.
- DREWERMANN, Eugen, *Funcionários de Deus: psicograma de um ideal*, Inquérito, Mem Martins, 1994.
- ELIADE, Mircea (1959), *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*, Livros do Brasil, Lisboa, s/d.
- ELIOT, T. S. (1948), *Notas para uma definição de cultura*, Editora Século XX, Lisboa, 1996.
- FUKUYAMA, Francis (1992), *O Fim da História e o Último Homem*, 4ª edição, Gradiva, Lisboa, 2011.
- ORTEGA Y GASSET, José, *Qué es Filosofía?*, 3ª edición, Revista de Occidente, Madrid, 1963.

²⁹ *Apud Idem, Ibidem*, pp. 69-70.

³⁰ *Idem, Ibidem*, p. 70.

³¹ *Idem, Ibidem*.

- PINHO, Arnaldo de, «Dom António Ferreira Gomes, uma atitude ética perante a sociedade e a Igreja», em *Humanística e Teologia*, Porto, Tomo VII, 2(1986), pp. 159-174.
- PINHO, Arnaldo de, *Fé/Cultura – Alguns Desafios –*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1988.
- PINHO, Arnaldo de, *Cultura da Modernidade e Nova Evangelização*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1991.
- PINHO, Arnaldo de, *O essencial sobre D. António Ferreira Gomes*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2004.
- POPPER, Karl (1984), *Em Busca de um Mundo Melhor*, 3ª edição, Fragmentos, Lisboa, 1992.